

14 - BARROS PINHO

CADEIRA Nº 14
PATRONO: JOÃO BRÍGIDO

BARROS PINHO

José Maria BARROS de PINHO, filho de Antônio Bezerra de Pinho e Ana Barros de Pinho, nasceu em Teresina, Piauí, no dia 25 de maio de 1939. Cursou o primário no Grupo Escolar Barão de Gurguéia e o ginasial no Ginásio Desembargador Antônio Costa, ambos na cidade natal, onde também iniciou o curso colegial, no Colégio Diocesano e no Colégio São Luís, vindo concluí-lo no Colégio Lourenço Filho, de Fortaleza. Diplomou-se pela Escola de Administração do Ceará. Foi professor de Sociologia no Colégio Santa Lúcia, de Fortaleza, e no Colégio Janusa Correia, de Caucaia. No terreno administrativo, exerceu as funções de Vice-Diretor e Coordenador do Colégio Capistrano de Abreu, de Fortaleza. É Presidente e professor do Colégio Oliveira Paiva, por ele fundado em nossa Capital em 1971 (Note-se que, apesar de as obras póstumas do romancista trazerem seu nome civil, Barros Pinho deu ao seu colégio o verdadeiro nome literário do autor de ***Dona Guidinha do Poço****). Fiel ao seu próprio passado (Foi Vice-Presidente da União Piauiense dos Estudantes Secundaristas, Presidente do Grêmio Rachel de Queiroz, 1º Secretário do Centro Estudantal Cearense, Presidente da União Estadual de Estudantes e do Conselho de Presidentes da UNE), foi Vereador à Câmara Municipal de Fortaleza pela legenda do MDB (1979 a 1982), sendo escolhido líder de seu partido; ainda na Câmara, foi Presidente da Comissão de Educação e Cultura e membro da Comissão de Legislação. Eleito Deputado Estadual pela legenda do PMDB, sendo Vice-líder do partido na Assembléia Legislativa, de 1983 a 1986, foi neste ano reeleito, e escolhido líder do partido na Assembléia; foi Presidente da Comissão de Sistematização da Constituinte do Ceará. Em 1985 havia exercido o cargo de Prefeito de Fortaleza. Foi ainda Secretário de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará e é Superintendente do Instituto de Previdência do Município de Fortaleza. Tem os Diplomas de Melhor Vereador de*

1979 a 82 e de Melhor Deputado Estadual em 1983 e 84. Sócio honorário de várias instituições culturais e políticas do País, tem ainda o título de Incentivador da Cultura (1980), da Academia Antero de Quental, de São Paulo. Obras publicadas: ***Planisfério*** *(1969),* ***Natal de Barro Lunar*** e ***Quatro Figuras no Céu*** *(1970),* ***Circo Encantado*** *(1975) e* ***Natal do Castelo Azul*** *(1986). Participante do Grupo SIN, figura na* ***Sinantologia*** *(1968), que reúne todos os seus componentes, e em várias outras coletâneas, de poesia e de conto. Falando de sua poesia, escreveu Antônio Carlos Vilaça: "Barros Pinho é um poeta telúrico. O seu amor à terra nordestina o acompanhará sempre, como um dado fundamental do seu destino literário e simplesmente humano. O rio Parnaíba nele se transforma num quase mito, rio da sua vida, rio da sua infância, rio da sua intimidade, inseparável dele, companheiro, irmão. Há muitos instantes de surrealismo na obra poética de Barros Pinho, notou-o a argúcia crítica de um poeta, Francisco Carvalho. Um surrealismo todo dele, insinuante e sutil, nada rebuscado nem difícil, espontâneo, orgânico, veraz, como tudo em sua poesia."*

BALADA DO RIO PARNAÍBA

não conhecia
o mar
o rio de minha
cidade era meu oceano

no cais
na rampa
laranjas
prostitutas
a granel

o vento
entra
pelas narinas
com peixe
creolina
e cashmere bouquet

lá em cima
a máquina
pilando arroz

a banca
de gelado
tábuas
de pirulito

em baixo
barcas
barcaças
navegando

lavadeiras
abertas
ao sol

lanchas
vapores
fumegando

fiscal
de renda
paletó
e gravata
cuidando
das coisas
do estado

canoas
canoeiros
só passando

noites
vivendo
de aventuras

suicídio
na senda
do ciúme

do outro lado
timon
antiga *flores*

águas
tranqüilas
correm
sob a ponte

OFÍCIO

os meninos
pobres
são pastores

dos astros
andam sempre
de dedo no céu

CARNEIRO JASMIM

meu carneiro jasmim
era tão bonzinho
nunca se queixou de mim

andava nele pela rua da cruz
ele nunca reclamou de mim

um dia papai vendeu
meu carneiro jasmim
e meus olhos se encheram d'água

DIDÁTICA DAS PALAVRAS

há palavras
velhas caducas
novas
todas elas me falam
alguma coisa

por exemplo
amor

abstraindo-se
sua essência romântica
é linda como a flor

a palavra
saudade
até parece cristalizar o tempo
e é tão presente no encontro

e vida
quando transformada
em verbo
é uma enorme solução

ESTRANHA GEOMETRIA

é lírico
o bêbedo
sem uma rosa

pelas ruas
na estranha
geometria
de seu viver

olhos paralelos
desenhando curvas
na reta solidão

AVISO PRÉVIO

o sonho
uma borboleta

quando menos
se espera
a gente acorda

e vai-se
embora
sem deixar
aviso prévio

DOMINGO

hoje é domingo
o bom dia da tristeza
o céu é menos azul
a cidade uma criança
pelos cantos sem brinquedo

De Planisfério (1969).

NATAL NA CAPELA DA ESTRADA

o natal da cidade grande
não é o natal da fazenda são josé
onde as lembranças
secam na pele da infância
o boi baiano litúrgico
pasta azul no fim da tarde
o cata-vento recolhe o triste
da ovelha sem pastor
a igreja toda simples
nem tem corpo de catedral
era apenas uma capela na estrada
a lembrar moça acanhada
na beira do rio
a noite espera a aurora
nos braços das estrelas

no natal da cidade grande
os homens são íntimos
da inveja luminosa

no natal da fazenda são josé
o açude é seco mas se aguarda
o afago das águas
o cavalo ventania rasga os céus

no seu prado imaginário
o galo dono do vale
edita os salmos da madrugada
a manjedoura distribui silêncio
nos olhos da distância
os pássaros apanham orvalho
na rama da melancia
só para no verde plantar saudade

no algodão
a mulher ama
na paixão das chuvas

o menino não gosta
da hipocrisia do asfalto
vive solto no lombo do vento
lúdico na palha da carnaúba

Texto fornecido pelo autor.